

## **GESTÃO INTEGRADA DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS EM PORTO ALEGRE/RS: E OS CATADORES?**

Resumo: Este artigo resulta de recortes das reflexões apontadas em uma dissertação de mestrado e em uma pesquisa de doutorado em andamento, ambas do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRGS, que abordam a temática da gestão dos resíduos sólidos urbanos na cidade de Porto Alegre enfatizando os catadores de materiais recicláveis. Demonstrando o potencial da Geografia como aliada nas discussões sobre a temática por meio de um diálogo entre conceitos desta área, traz à tona questões do contexto atual desta cidade, buscando refletir sobre a condição territorial dos catadores: sua reclusão territorial, imobilidade e invisibilidade no espaço urbano. Salientamos o importante papel dos catadores, percebendo o quanto esses atores vêm deixando marcas, criando novas territorialidades na luta pela apropriação do espaço urbano, constituindo-se como “sujeitos geográficos” e como protagonistas no jogo da reciclagem do lixo na cidade.

Palavras-chaves: geografia, catadores de materiais recicláveis, resíduos sólidos.

## **INTEGRATED GESTION OF URBAN SOLID RESIDUES: HOW ABOUT THE URBAN COLLECTORS OF RECYCLABLE MATERIALS?**

Abstract: This article is the outcome of reflexions on condition of the street collectors of recyclable materials, developed in a masters and a ongoing phd project, both from the post-Graduate Program in Geography at Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Combining the potential of geography as a theoretical and methodological reference, as well as describing the city context, we aim to discuss the territorial condition of the collectors of recyclable materials: their territorial reclusion, immobility, invisibility in the urban space. We point out the important paper of the collectors garbage, perceiving as creating new territorialities in the fight for the appropriation of the urban space. The constitution of collectors as “geographic subjects”, as protagonists in the context of garbage recycle in town, is also addressed.

Key-words: geography, collectors of recyclable materials, solid residues.

## **GESTÃO INTEGRADA DE RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS EM PORTO ALEGRE/RS: E OS CATADORES ?**

Eliane Simões da Silva;  
Química e Mestre em Geografia  
eliane.silva@corsan.com.br

Rosa Maris Rosado;  
Bióloga e Doutoranda em Geografia  
rosadomar.geo@gmail.com  
Rua Ventos do Sul, 2000- Vila Nova  
Porto Alegre/RS  
CEP 91750780

## INTRODUÇÃO

Iniciamos este artigo tecendo algumas considerações que apresentam o porquê do nosso interesse em abordar a temática dos resíduos sólidos<sup>1</sup>, enfatizando os catadores de materiais recicláveis, explicitando os motivos que proporcionaram o nosso entendimento de ser a geografia uma aliada fundamental na sua compreensão e buscando estimular o desenvolvimento de pesquisas sobre a temática desta área.

Acreditamos ser importante contextualizar, como nos relacionamos com esta temática, para auxiliar na compreensão dos elementos que trazemos para esse debate. Há vários anos atuamos profissionalmente com as chamadas questões ambientais. Atuamos no Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU), órgão responsável pelo gerenciamento dos resíduos sólidos gerados na cidade e em 2001 nos envolvemos no Projeto Galpão<sup>2</sup> na Secretaria Municipal de Educação (SMED), vinculado à Política Municipal de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esse projeto visava à alfabetização e pós-alfabetização dos catadores e caracterizou-se em um espaço pedagógico e de diálogo com os mesmos, nas quais as relações construídas neste período ainda estão bem presentes em nós.

A pesquisa de mestrado concluída recentemente na geografia caracterizou-se por um estudo de caso junto à Associação de Reciclagem Ecológica da Vila dos Papeleiros (AREVIPA), entendendo ser esta Unidade de Triagem de Resíduos Sólidos Recicláveis (UT) um espaço diferenciado das demais UTs da cidade (existem 15, atualmente), na medida em que congrega, ao mesmo tempo, as duas formas de atuação dos catadores em Porto Alegre: os que atuam no galpão recebendo as cargas da coleta seletiva oficial e os que atuam coletando nas ruas da cidade, sendo observáveis as interferências dos atravessadores e o poder público local. Nesta pesquisa conclui-se demarcando algumas sugestões e reflexões sobre o contexto atual com a aprovação da lei que proíbe a circulação de carroças e carrinhos à tração humana nas ruas da cidade, na perspectiva de compreender o catador como protagonista no cenário dos resíduos sólidos urbanos, no sentido de colaborar com a reflexão e elaboração de políticas nesta área.

O principal objetivo desse artigo é trazer elementos do universo dos catadores que possibilitem, no âmbito acadêmico, dar visibilidade a esses sujeitos dentro do processo de gerenciamento dos resíduos sólidos urbanos, apontando a importante contribuição da geografia no aprofundamento do tema. Várias ferramentas teóricas foram utilizadas para aprofundar a reflexão sobre o contexto tais como: espaço, redes e território, buscando promover um diálogo entre os mesmos, procurando uma melhor compreensão da complexa realidade na qual estão imersos os catadores de materiais recicláveis nos grandes centros urbanos, a partir de múltiplos olhares.

---

<sup>1</sup> Quaisquer materiais descartados nas atividades industriais, domésticas, comerciais, agrícolas, de serviços de varrição e capina de vias públicas, de serviços de saúde, de obras e demolições, de podas e de parques e jardins. Os resíduos recicláveis são constituídos principalmente por papel, plásticos, vidros e metais. Os resíduos orgânicos são compostos, principalmente, por cascas de frutas e legumes, restos de comida, etc. Mesmo sabendo que este é o nome tecnicamente correto, optamos por referir ao *lixo* por achar importante lembrar da relação que temos com os restos oriundos da nossa atitude cotidiana de viver e do forte conteúdo pejorativo que o termo traz consigo.

<sup>2</sup> Galpão é como os catadores chamam seu espaço de trabalho, denominado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre como Unidade de Triagem de Resíduos Sólidos Recicláveis. Geralmente, prédios de propriedade do município, cedidos às Associações de Catadores.

A geração indiscriminada dos resíduos sólidos urbanos é considerada como um dos grandes problemas ambientais das cidades contemporâneas. Por meio dos resíduos se identificam os modos de produção e consumo da sociedade, bem como, constata-se que parcelas significativas da população buscam neles a sua fonte de sobrevivência. Entre essas pessoas, encontram-se os catadores de materiais recicláveis<sup>3</sup> que, atualmente, na cidade de Porto Alegre, podem ser encontrados atuando nos galpões de reciclagem e os catadores de rua<sup>4</sup> que carregam além das suas próprias histórias, a história do destino dos resíduos gerados pela sociedade. Nesta última década, tem se verificado um crescimento quantitativo vertiginoso desta atividade. Para Polita Gonçalves (2003, p.93): “O garrafeira sumiu, o papelheiro desapareceu. Entre nós - as fábricas humanas de lixo - e os sucateiros - cheios de pulseiras de ouro - restou um punhado de catadores [...]. Ficamos alheios no processo, sem nos preocupar com o destino dos materiais reaproveitáveis que insistimos em jogar fora. Como se a lixeira fosse um desintegrador mágico de matéria”.

Os nossos desafios são, portanto, cada vez mais complexos, à medida que nos dispomos a encontrar soluções mais completas. A questão dos resíduos sólidos é, portanto, um convite a pensar a complexidade ambiental urbana, demonstrando que, cada vez mais, que a forma de viver a/cidade precisa ser revista sobre pena de inviabilizarmos a manutenção da vida no planeta. Ao analisarmos a questão devemos ser capazes de considerar a condição humana no âmbito da vida, na Terra, e de enfrentá-la como um dos grandes desafios do nosso tempo, sem nos deixar levar pela impotência diante desta problemática que deve ser encarada na sua complexidade, abrindo a possibilidade de diálogos fecundos não só entre os saberes acadêmicos, mas com os saberes das pessoas que atuam com o *lixo* cotidianamente.

De acordo com a estimativa feita pelo próprio Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), há cerca de dois milhões de catadores de materiais recicláveis atuando nas ruas, nos lixões e organizados em associações e cooperativas pelo Brasil. Este novo movimento, formado no início dos anos 2000, organiza a luta pelos direitos desta categoria e tem conquistado cada vez mais espaço no cenário nacional. A categoria foi legalmente reconhecida, incluída em programas municipais de CS, e, atualmente, tem assento garantido no CONAMA (Conselho Nacional do Meio Ambiente). Tal como Verdum (2000) aponta ser o “vírus da autogestão” o que deve ser difundido como via alternativa de ascensão social desta categoria, aproveitando-se a extrema carência de matéria-prima no setor de aproveitamento de materiais pós-consumo.

É comum encontrarmos a palavra *integrada* como qualificativo aos sistemas de gestão de resíduos sólidos urbanos. No entanto, se levarmos às últimas conseqüências o sentido dessa qualificação, observaremos que ela deveria trazer para os sistemas de gestão propostos, a natureza participativa essencial para que uma verdadeira integração ocorra entre os atores envolvidos nos mesmos. Uma verdadeira integração implica na criação de redes entre os atores, que, no caso dos resíduos sólidos urbanos, são os geradores, catadores, o poder público, os serviços privados, os intermediários e as empresas que utilizam os resíduos como matéria prima. Por outro lado, a gestão *integrada* deve implicar na necessidade de compreender a complexidade da questão ambiental urbana que é alvo de

---

<sup>3</sup> Através da luta pelo reconhecimento de suas atividades junto ao Ministério do Trabalho e Emprego, passaram, oficialmente, a serem assim designado, como consta no Número 5192.05 da nova CBO (Classificação Brasileira de Ocupações), versão 2002. Embora o reconhecimento "no papel", ainda há muito a ser feito para que este se efetive na prática.

<sup>4</sup> Enfatizamos que as duas formas de atuação dos catadores referem-se à cidade de Porto Alegre, pois em várias outras cidades brasileiras e na América Latina como um todo, encontramos-los também em lixões.

uma gestão inclui conhecer a natureza das fontes geradoras de resíduos, seus impactos na população e ambiente urbanos, estudando-se a realidade local em seus aspectos socioeconômicos, políticos, e, principalmente as pessoas e grupos, além de articulá-los com os impactos da dimensão global, para que se obtenha uma visão mais ampla da questão.

O ambiente urbano pode ser visto como uma superposição de espaços definidos cada um por uma infinidade de relações entre lugares, conectados por redes, sem as quais não existiria a comunicação entre os diferentes territórios constituindo tramas que se tecem cotidianamente. Sendo que a cada uma das identidades urbanas se deseja a correspondência a um espaço que lhe é próprio, onde os “iguais” se encontram, pois “as diferenças sociais e culturais para serem vistas como diferenças devem estar relacionadas a um espaço de distinção ou de segregação socioespacial” (GOMES, 2005, p. 96). No contexto dos “processos desterritorializantes” (HAESBAERT, 2004), ao qual são submetidas parcelas significativas da população (entre as quais os catadores de materiais recicláveis), há uma tendência ao fortalecimento das identidades territoriais, criando geografias alternativas forjadas, entre outras questões, na falta de oportunidades de emprego na economia formal.<sup>5</sup>

Assim, na complexidade do ambiente urbano, percebemos a necessidade de considerar as relações que condicionam o funcionamento do “jogo da reciclagem do lixo”<sup>6</sup> na cidade entendendo que nele ocorre um processo de disputa por apropriação do espaço urbano, compreendendo este jogo para além da dimensão material, buscando também suas dimensões simbólicas e culturais<sup>7</sup>.

### **A geografia como aliada**

A história da sociedade humana, no final do século XX, encontrava-se fortemente marcada pelo debate acerca das denominadas questões ambientais devendo essas serem compreendidas como um produto da intervenção da sociedade sobre a natureza; considerando-se não apenas os aspectos relativos à natureza, mas aqueles resultantes da ação social. A geografia apresenta-se como uma das ciências preocupadas no estudo das questões ambientais, assim para Trystram (1994) a geografia é um saber, um saber difícil porque integrador do vertical e do horizontal, do natural e do social, do aleatório e do voluntário, do atual e do histórico e sobre a única interface da qual dispõe a humanidade.

Na perspectiva de melhor compreender o contexto trazido, aconteceu nossa aproximação da geografia, por entendermos que esta área representa uma abordagem fundamental para as chamadas questões ambientais em uma concepção conjuntiva entre o natural e o social. Conforme nos apresenta Suertegaray (2000), a geografia constitui-se em uma área do conhecimento que sempre expressou (desde sua autonomia) sua preocupação com a busca da compreensão da relação do ser humano com o meio (entendido como

---

<sup>5</sup> A respeito desta forma de economia informal escrevemos um artigo no qual apontamos que mesmo quando o mercado prevalece como forma de regulação estes atores sociais não agem de forma isolada, mas ao contrário se articulam em redes de relações: Coletto, Diego e Rosado, Rosa M. *Por uma Cartografia da reciclagem de Porto Alegre/RS/ Brasil: Economia Informal, Dimensão Socioambiental e Cultural*. In: Boletim Gaúcho de Geografia nº33 (169-189), AGB- Porto Alegre-RS, 2007.

<sup>6</sup> Quanto ao emprego da metáfora do jogo, ver em: Rosado, Rosa Maris e Álvaro Luis Heidrich. *Jogo da Reciclagem do lixo em Porto Alegre/RS/Brasil: uma leitura bourdiana*. Anais do IV Simposio Territorio y Sociedad, Barcelona, setembro/2008.

<sup>7</sup> Universo da pesquisa de doutorado em fase de conclusão no Programa de Pós-graduação em Geografia/UFRGS tendo como foco a Associação de Catadores do Loteamento Cavalhada.

entorno natural). Nesse sentido, a área diferenciou-se e se contrapôs as demais ciências que, por força de seus objetos e das classificações, foram individualizadas em Ciências Naturais e Sociais. Este fato fez esta área do conhecimento passar por difíceis “crises de identidade”, na medida em que a Modernidade se instalou e que o caminho foi o da fragmentação dos conhecimentos. Na atualidade este paradoxo constituiu-se em privilégio da Geografia, que consegue flexibilizar as fronteiras entre as disciplinas e expandir ainda mais seu vasto campo de análise. Isto pode ser revelado por meio dos diversos temas das pesquisas que vem sendo realizadas no âmbito desta área. Embora, ainda existam entraves com relação à superação das barreiras entre geografia física e geografia humana, de forma que - mais do que uma pretensão ou uma possibilidade - esta superação passa a ser, de fato, efetivada na prática diária das pesquisas realizadas.

A Geografia vai assim se constituindo no que se pode chamar de Ciência do Complexo (SUETERGARAY, *ibid.*), esta idéia mais inspiradora para a aproximação desta temática. “Geo-grafar” constitui uma atividade inerente à nossa ação cotidiana é a expressão do que somos em qualquer lugar onde estamos. Implica promover ações cotidianas com responsabilidade social sobre nossos atos, nossas práticas, nossa atividade profissional. Implica em experiência participativa e vivência coletiva, com responsabilidade para com os outros e a sociedade em seu conjunto (*ibid.*). Assim, como propõe a geógrafa Dirce Suetergaray, refletindo a partir das idéias de Bruno Latour, a Geografia “jamais foi moderna”, na medida em que sustentou a necessidade de articulação entre natureza e sociedade num contexto histórico de separação e purificação dos objetos. Posto que a Geografia não caberia tão somente o estudo da relação sociedade/natureza, posto que estas se configuram como híbridas e interdependentes.

Com esta noção de geografia, ao mesmo tempo em que nos deparamos com a carência de bibliografia sobre a temática, buscamos no dialogo com a área compreender a complexidade ambiental urbana tendo como enfoque a atuação dos catadores na cidade. Cabe mencionar que um relatório, o mais recente elaborado em 2002, relativo à gestão dos resíduos sólidos no Brasil, intitulado 1ª Avaliação Regional dos Serviços de Manejo de Resíduos Sólidos Municipais nos Países da América Latina e Caribe, já consta a insuficiência, a falta de atualização e de sistematização de conhecimento sobre a gestão de resíduos sólidos no Brasil até então, representando um grave empecilho para a atuação das entidades que lidam com a questão.

### **O Espaço como Ferramenta**

No universo dos resíduos sólidos urbanos encontramos bibliografia referente ao que denominamos aspectos técnicos dos resíduos, que tratam questões tais como: a caracterização, a classificação, a quantificação, o destino final dos resíduos sólidos urbanos, etc; incluindo-se, em alguns casos, abordagens dos aspectos sociais e econômicos, mas geralmente de uma forma compartimentada. Outro aspecto a ressaltar é a quase invisibilidade dos catadores, que há mais de 50 anos, por meio do trabalho informal, coletam os materiais recicláveis presentes no *lixo* descartado pela sociedade de consumo.

No Brasil existem várias publicações sobre Coleta Seletiva, entre elas poucas tratam sobre as relações sócio-espaciais dos catadores, no entanto, são comuns às diversas situações vivenciadas por estes agentes em distintas cidades brasileiras, como, por exemplo, as formas de repressão ou a estigmatização que sofrem cotidianamente. Os estudos acadêmicos envolvendo catadores de materiais recicláveis vêm apresentando visibilidade na última década<sup>8</sup>. Contudo, a maioria ainda apresenta caráter técnico-

<sup>8</sup> Em busca do tema no banco de teses da CAPES realizada em 2006, com a entrada dos termos: Catadores de materiais recicláveis, catadores de *lixo*, trabalhadores da reciclagem, trabalhadores do *lixo*, badameiros,

ambiental, econômico, ou mais “social”, mas poucos têm aprofundado a relação destes com seus espaços de sociabilidade. Consta-se uma carência de estudos com enfoque sobre os catadores de materiais recicláveis em unidades de triagem de resíduos sólidos (galpões de reciclagem), embora existam inúmeras em funcionamento no país. Parece que, invisíveis no cotidiano das cidades, permanecem também na penumbra do campo acadêmico.

Percebendo-se esta carência constituímos nossas pesquisas na tentativa promover um diálogo entre este universo empírico e alguns referenciais teóricos da geografia. Situando os resíduos sólidos dentro da complexidade ambiental urbana que, é importante salientar, traz à tona de forma nova a dimensão do espaço, com toda a sua complexidade. Esta categoria de análise então pode nos auxiliar na compreensão deste contexto, o que aponta-nos a geografia como importante aliada. Outra questão pertinente ao estudo do espaço, diretamente relacionada com a complexidade ambiental urbana, é que o mesmo motiva a interação entre as diversas áreas do conhecimento, propiciando a tão perseguida interdisciplinaridade, buscando ampliá-la na direção de um diálogo entre saberes afinal não há como gerenciar adequadamente os resíduos sólidos sem valorizar o povo que nele trabalha e sua cultura.

### **Espaços ocupados pelos catadores**

**Lixões:** Embora não façam parte da realidade de Porto Alegre, os lixões demonstram o descaso da sociedade com os resíduos sólidos gerados e com o ambiente, compreendido este na sua complexidade, englobando os aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos, etc. São áreas extremamente degradadas, insalubres, tristes, que retratam o quanto a miséria e a degradação ambiental andam juntas. Nestes locais, os catadores vivem em condições desumanas, catando além dos materiais para vender, roupas, calçados, etc e em alguns casos até mesmo o que comer. Nestas condições, muitas vezes, os catadores são comparados a abutres, vivem daquilo que os outros rejeitaram. O catador que aí trabalha, assim como aquele, que trabalha na rua não é formalmente contabilizado como parte do ordenamento oficial da gestão *integrada* dos resíduos sólidos urbanos.

**Ruas:** As ruas parecem representar uma situação de transgressão pelos catadores. Talvez, por isso, o próprio Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) reivindique a liberdade de poder transitar, usufruir, trabalhar na mesma. Surge o questionamento: Quem têm direito à rua? Não parece uma contradição, quando o poder público estabelece regras ou normatiza a circulação daqueles que justamente, necessitam deste espaço, para atuarem de forma plena como “agentes ambientais urbanos”? É sabido que eles fornecem um serviço de recolhimento mais flexível do que a Coleta Seletiva oficial oferece, no sentido de definir os seus horários e dias de coleta. De qualquer forma, realizando a atividade da catação nas ruas, escapam ao moderno esquadramento da cidade. Em alguns momentos, são invisíveis, em outros perceptíveis, quando interferem na dinâmica cotidiana da cidade, por exemplo, uma carroça ou um carrinho, modificando a velocidade do trânsito ou quando encontramos *lixo* interrompendo a via pública. E aqui, também, é importante refletirmos de como seria a cidade de Porto Alegre, sem a presença dos catadores? Se por um lado, a mobilidade na cidade, parece ser prejudicada (por eles);

---

carrinheiros, bagulheiros, encontra-se somente 56 teses e dissertações (sendo 46 pesquisas de mestrado e 10 de doutorado). As áreas que aparecem são engenharias (hidráulica e saneamento, civil e de produção), educação, administração, psicologia social, serviço social, direito, saúde pública, economia, desenvolvimento e meio ambiente, desenvolvimento sustentável, ciências ambientais, ciências sociais, antropologia, história e geografia.

como seriam as ruas, se eles não recolhessem o resíduo gerado cotidianamente? Afinal, sabe-se que o resíduo coletado pelos catadores de rua perfaz um volume muito superior ao total coletado pela coleta formal da prefeitura. São questões a pensar diante da recente aprovação de uma lei que proíbe a circulação de carroças e carrinhos de mão nas ruas da cidade.

**Galpões:** Os galpões ou UTs não são totalmente autônomos e fechados em relação ao restante da cidade, abrigam grupos heterogêneos do ponto de vista de origem étnica, idade, gênero, procedência, etc. Representam as políticas públicas de “inclusão social via Coleta Seletiva” como uma resposta a preocupação de o que fazer com uma parcela dos resíduos sólidos gerados na cidade, constituindo-se também como estratégia de “geração de renda a partir da reciclagem”, presentes na perspectiva do tão propalado desenvolvimento sustentável. No entanto, os espaços podem ser vistos criticamente, na medida em que retiram a mobilidade do catador na cidade, de certa forma “confinando-o” ou até mesmo “escondendo-o”. Assim, no discurso dos agentes públicos, o catador é um agente ambiental, na prática acaba sendo invisibilizado demonstrando a incapacidade da política pública de resolver os problemas, diante da tentativa de simplificação da complexidade que o contexto traz consigo. Mas por outro lado, estes espaços para muitos destes atores são elementos constituintes da identidade de catador, podendo constituir táticas de resistência aos “processos desterritorializantes”. Esta resistência apresenta um duplo caráter, por serem os catadores um grupo de pessoas oprimidas e também, como elementos motivadores de uma força na luta pelos seus direitos cidadãos.

Percebemos que as distintas as formas de atuar dos catadores no espaço urbano são suas formas de territorializar, inclusive nas ruas neste caso no sentido de uma territorialização marcada pela mobilidade. Entendemos que na atividade da catação nas ruas, a mobilidade é uma característica essencial para a obtenção da matéria-prima, o *lixo*, o que tem ocasionado inúmeros conflitos socioespaciais na cidade. Conforme apontamos, na resolução destes conflitos frequentemente ocorre a simplificação forçada da complexidade, negando, portanto, a legitimidade de outros pontos de vista. Neste sentido que tentamos criticamente abarcar estas visões desvalorizadas e desconsideradas neste contexto.

A dinâmica da catação de lixo varia de tempos em tempos e de locais para locais, mas em geral o preconceito ainda impera e o incentivo e apoio do poder público diminui com as tendências à privatização dos serviços relacionados à gestão dos resíduos sólidos urbanos. Os catadores são atores fundamentais no processo de gestão dos resíduos sólidos gerados na cidade, que é esse espaço das diferenças, lugar do convívio com a diversidade ou, pelo menos, deveria ser...

### **Inclusão Social / Reclusão Territorial**

Com relação a exclusão e desterritorialização, Haesbaert (2004, p. 315) afirma [...] “partimos do pressuposto de que toda a pobreza e, com mais razão ainda, toda a exclusão social é também, em algum nível, exclusão socioespacial, e por extensão, exclusão territorial – isto é, em outras palavras, desterritorialização”. Desterritorialização aqui é vista em seu sentido “forte”, ou seja, aquele que podemos considerar o mais estrito, a desterritorialização como exclusão, privação e/ou precarização do território, enquanto “recurso” ou “apropriação” (material e simbólica) indispensável à participação efetiva como membros de uma sociedade. Este autor explica podem existir situações em que apesar de “territorializados” no sentido funcional, mais concreto, as pessoas podem estar mais desterritorializados no sentido simbólico-cultural e vice-versa. A exclusão, como

desterritorialização, deve ser vista deste modo também na sua dimensão econômica-política-simbólica-cultural. Então, pode-se dizer que a relação de exclusão social pode representar a “desterritorialização” ou a “territorialização precária”. No decorrer da pesquisa sobre as práticas cotidianas dos catadores, percebemos que no espaço do galpão ocorre uma territorialização precária, pela sua instabilidade, pois identificamos que com o aparecimento de novas dificuldades a territorialidade se dissipou e se buscaram outras táticas para permanecer no “jogo da reciclagem do lixo”, com o retorno à catação nas ruas.

Heidrich (2006) aponta que os vínculos que se cria com e no espaço - o território e as formações socioespaciais- podem ser compreendidos fundamentalmente por meio de três expressões: apropriação, valorização e consciência. Por meio de estabelecimento de vínculos, por criações ou invenções humanas através de práticas sociais é que se produz o território, que se constitui uma territorialidade. A mudança da gestão da administração municipal alterou a relação política entre os catadores e poder público local, este fato somado ao acirramento do conflito entre coleta formal e informal, que acarretou a diminuição dos ganhos decorrentes da queda da quantidade e qualidade de materiais recicláveis que chegavam ao galpão, produzindo a perda de vínculos que culminaram no afastamento de pessoas que assumiam centralidade nas redes internas ao Galpão. A sinergia desses fatores fragilizou a condição do galpão enquanto território dos catadores. Fica explicitado que o processo de territorialização ou o fortalecimento/enfraquecimento de tais vínculos depende da invenção de novas relações sócio-espaciais. Pois, a “inclusão social via Coleta Seletiva” pode ser caracterizada como um processo precário, demonstrado pela situação de instabilidade vivida pelos indivíduos e grupos no que diz respeito aos seus vínculos de convivência social, que se esvaem diante de novos contextos econômicos e políticos.

Os “processos desterritorializantes” podem ser tanto de exclusão (colocar para fora do território) como de imobilidade (reclusão territorial) (HAESBAERT, 2004). Trazendo a concepção de fascismo territorial, em Santos, e de reclusão disciplinar, em Foucault, o autor aponta para a construção da noção de **reclusão territorial**. Com a atuação seletiva o estado pode caracterizar-se como agente de reclusão. Interpretamos que o fenômeno da catação no galpão pode ser visto também como um processo de reclusão territorial de exclusão, na qual se “disciplina os corpos por meio de um biopoder” (FOUCAULT, 1987) mantendo “imóveis” os catadores, aumentando ainda mais sua “invisibilidade”. Isto significa que ao melhorar as condições de trabalho por meio da construção das unidades de triagem (os galpões), “incluindo-os” em um “equipamento público de geração de trabalho e renda”, os catadores que antes circulavam livremente nas ruas da cidade tendo visibilidade, têm sua mobilidade controlada pelo poder público. À primeira vista, parece vantajoso trabalhar em um espaço coberto, o galpão, mas um dos primeiros motivos para estar na rua é a “liberdade”, que pelos menos nos locais mais centrais, pode ser lida também como direito à visibilidade. Nas ruas os catadores desestabilizam a ordem urbana e podem inventar uma contra-ordem na gestão de resíduos que os integre, não se limitando somente a demarcação de áreas para sua atividade.

Trazer a tona interferências de elementos territoriais presentes na questão dos resíduos sólidos urbanos é um passo fundamental para se pensar e interpretar a espacialidade da gestão do *lixo*. Do microterritório urbano do galpão de reciclagem ao mercado global da indústria recicladora há um universo de desigualdade a ser desvelado e compreendido por meio de um olhar para a circulação de capitais materiais e simbólicos<sup>9</sup>, não percebidos de imediato, sem um olhar mais atento para as redes que aí se formam.

---

<sup>9</sup> Refere-se a qualquer tipo de capital percebido de acordo com os princípios de visão e *di-visão*, os sistemas de classificação que são, em parte, produtos da incorporação das estruturas de distribuição do capital no

## Na armadilha da reciclagem e sem direito à rua

No discurso da ecoeficiência industrial está implícita a visão de “inutilidade” do catador, pois o material pós-consumo deve ser captado pelo distribuidor que o direcionará direto ao produtor, com a tão propalada logística reversa. Em suma: o trabalhador cuja força de trabalho, tido como “único bem negociável” se torna “inútil” para o sistema produtivo acaba sendo reduzido a “um corpo que pesa para a sociedade”. Mas, contraditoriamente, quem fornece as maiores quantidades de materiais pós-consumo para serem aproveitados pela indústria que com eles lucra ainda mais? Eis a grande armadilha da reciclagem.

A importância da reciclagem tem sido, cada vez mais, exaltada, como relevante para a sustentabilidade planetária, no entanto, os agentes que a realizam no cotidiano das cidades seguem sob olhar discriminador ou indiferente. O que está em jogo, além dos diversos valores atribuídos ao lixo, é a disputa em torno do seu espaço de geração – a cidade. Cada vez crescem mais em número e aparecem com suas carroças e carrinhos nas ruas da cidade e para “tratar” a questão os que detêm poder econômico alardeiam o “fim das carroças”, voltando sua preocupação para o trânsito. As queixas a esse respeito concernem, na maioria dos casos, ao espaço que ocupam nas vias públicas, “atrapalhando o trânsito”, ou ainda, os “maus tratos aos cavalos”<sup>10</sup>. A “segurança urbana” também é evocada como argumento para este isolamento<sup>11</sup>. Mas, o que “incomoda” mesmo é *performance* dos catadores nas ruas, o exercício público das suas atividades corporais que envolvem circular nas ruas com o nosso lixo, expondo a população ao contato visual com as sobras do seu consumo, com aquilo que não quer mais ver, por que representa a desordem. Envolve, portanto, uma questão de estética e associada a padrões dominantes relativos as noções de limpo, higiênico e asséptico. A contenção é uma modalidade de resposta que busca minimizar a “ameaça” que representam ao ordenamento socioespacial urbano, restringindo sua mobilidade e reduzindo sua visibilidade.

A possibilidade de transitar permite ao indivíduo desdobrar melhor a sua condição urbana (seu capital espacial<sup>12</sup>), afinal se a principal novidade nas nossas relações com o espaço urbano se constitui propriamente no crescimento das mobilidades, na liberdade de movimento dos atores sociais no espaço urbano. Refletimos sobre a lei municipal, aprovada recentemente, que proíbe a circulação das carroças e carrinhos à tração humana que reforça claramente o papel discriminante das vias “públicas”, destinadas à circulação de um único tipo de transporte: o automóvel. A cidade é vivida de forma desigual, a forma como se vê a cidade, frente aos espaços atravessados, retoma a capacidade de fazer emergir um microcosmos territorial/relacional. Quem dirige o automóvel cria nele um espaço íntimo e é por meio deste veículo que se incorpora ao espaço urbano.

---

campo considerado. “O capital simbólico é um capital, com base cognitiva, apoiado sobre o conhecimento e o reconhecimento” (BOURDIEU, 2001, p. 150).

<sup>10</sup> Conforme argumento corrente entre as ONGs de protetores de animais.

<sup>11</sup> “Assaltos são realizados com carroças”, argumentam os vereadores autores do Projeto de Lei, como se estes episódios só envolvessem este tipo de transporte.

<sup>12</sup> Capital Espacial refere-se a constituição de um recurso embasado em a capacidade de manejar a dimensão espacial de algum bem (material ou imaterial) e de valoriza-lo em outro tipo de recurso (político, econômico, simbólico, social) (LÉVY, 2007).

A rua adquire vários significados de acordo com o espaço e com o tempo dos diferentes grupos que dela fazem uso. Para uma parcela da população os que nela trabalham catando lixo (assim como os que nela vivem) são vistos como entraves que agridem a paisagem urbana (incomodo estético e higiênico-sanitário), pela “segurança”, pela mobilidade no trânsito, etc, havendo o desejo de vê-los “fora da rua”. Buscando de dar conta disso as alternativas construídas pelo poder público são as Unidades de Triagem de Resíduos Sólidos Urbanos (UTs). Equipamentos empregados, também, como estratégia de “controle espacial” da atividade da catação de lixo. Assim, as instituições públicas podem ser vistas tanto no sentido do “auxílio e proteção”, mas também como de “repressão e vigilância” sobre estes grupos sociais.

O capital econômico permite o distanciamento de coisas e pessoas “indesejáveis” (o lixo e quem com ele trabalha), ao mesmo tempo aproxima as desejáveis minimizando o gasto para delas se apropriar (bairros próximos do centro ou com comércio local bem estruturado, para consumir mais e gerar mais lixo). A falta deste capital prende ao lugar, priva do direito à cidade. A privação dos deslocamentos, o “disciplinamento dos corpos” (FOUCAULT, 1987, p.127) é convertido em estruturas espaciais naturalizadas como espaços de “inclusão social”. Assim, a condição sócio-espacial dos catadores que tem transgredido as regras do ordenamento socioespacial urbano adquire pertinência crescente neste contexto.

As políticas de inclusão social devem, portanto, antecipadamente, levar em conta a multiplicidade e a complexidade presente em cada contexto. No entanto, o contexto está acima da simples soma de elementos, deverá significar um combate às constantes fragmentações do espaço urbano. Do observado pode-se inferir que os catadores de Porto Alegre querem ser protagonistas e não meros objetos das políticas públicas e seu envolvimento e incorporação são fundamentais no processo de gestão *integrada* dos resíduos sólidos gerados na cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os catadores carregam, além das suas próprias histórias, as histórias presentes nos resíduos gerados pela sociedade, impondo-se a necessidade de uma investigação mais ampla da condição urbana dos mesmos, ao mesmo tempo, tornando visível à luta cotidiana deste grupo que vive do que, em algum momento, foi considerado *descartável*. Potencializando a compreensão da complexidade ambiental urbana, se pode estar contribuindo para a construção de políticas contemporâneas que contemplem esta realidade.

Ao refletir sobre a posição do catador no jogo da reciclagem do *lixo* na cidade, percebemos o quanto o mesmo vem *geo-grafando*<sup>13</sup>, deixando marcas, criando e transformando espaços, apesar da tentativa pelos demais atores sociais, melhor posicionados no jogo (poder público, atravessadores, indústria e a própria sociedade), de invisibilizá-los, controlando sua mobilidade e/ou ignorando a sua existência.

Os catadores ao longo de suas histórias de vida interagem de formas diferenciadas nos espaços da cidade. Cataram e catam nas ruas e nos Galpões de Reciclagem. Estes têm ampliado as formas de apropriação do espaço na cidade, extrapolando os que lhe são atribuídos pela “boa vontade” da poder público local em inclui-los em um “equipamento de geração de renda a partir da reciclagem de *lixo*”.

Enquanto se movem no espaço urbano, criando territórios efêmeros e dispersos, os catadores seguem numa forma ativa de relação com o meio urbano, na exposição de si, de

---

<sup>13</sup> Tomando emprestado o termo cunhado por Carlos Walter Porto Gonçalves (2002).

quem atua nas ruas. Esta tática envolve o questionamento prático das funcionalidades pré-estabelecidas, tanto dos espaços públicos ocupados, quanto dos materiais descartados nas ruas da cidade.

A catação na rua pode assim representar a luta deste grupo social pela apropriação do espaço da cidade, pois diante das reviravoltas provocadas os catadores parecem estar “recusando” o lugar que lhes estava reservado no espaço urbano pelo poder público local - a UT -, como efeito de adequação ao ordenamento socioespacial urbano. Refletimos a gestão dos resíduos sólidos recicláveis da cidade, somente será efetivamente integrada se as alternativas que se forjarem emergirem dos próprios catadores. É partindo deles que podem surgir potenciais formas criativas, ultrapassando as meras medidas de delimitação de espaços para realização da atividade. Observa-se que estas dinâmicas espaciais urbanas subvertem o imaginário da cidade “moderna”, desvelando as desigualdades sociais do *apartheid* urbano. Nas práticas cotidianas nas ruas, por meio de táticas “mobilizadas” no jogo da reciclagem do lixo, os catadores seguem assim na luta pela apropriação do espaço urbano, produzindo novas territorialidades e constituindo-se como “sujeitos geográficos”.

Concluimos afirmando que uma nova leitura do território urbano pode ser entendida pela Educação Ambiental (EA), como um conhecimento integrado da complexidade ambiental urbana, onde os diferentes processos urbanos passam a ser revelados, através das relações entre as espacialidades e na interdependência entre os aspectos, tais como os naturais, econômicos, políticos, sociais e culturais. Vemos assim a EA como uma importante interlocutora no diálogo entre comunidades, poder público, empresas e universidade, a fim de buscar um desenvolvimento local que contemple essa complexidade. Sem desconhecer a disputa pelos sentidos atribuídos ao ambiental numa esfera de relações de poder, a EA segue o tecendo redes, encontrando na temática dos resíduos sólidos um espaço propício para a convergência entre as reivindicações ambientais e oposição às injustiças sociais urbanas.

### **Referências Bibliográficas:**

- BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo. Brasil. Ed. Perspectiva. 2001.
- COLETO, Diego e Rosado, Rosa M. Por uma Cartografia da reciclagem de Porto Alegre/RS/ Brasil: Economia Informal, Dimensão Socioambiental e Cultural. In: Boletim Gaúcho de Geografia nº33 (169-189), AGB- Porto Alegre-RS, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Tradução de Raquel Ramallete. 25a ed., Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil, Vozes. 1987.
- GOMES, Paulo César da C. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2005.
- GONÇALVES, Polita. *A Reciclagem Integradora dos Aspectos Ambientais, Sociais e Econômicos*. DP&A: Fase. Rio de Janeiro, RJ. 2003.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

- HEIDRICH, Álvaro. L. Territorialidades de exclusão e inclusão social In: REGO, N., MOLL, J. & AIGNER, C. (Orgs.) *Saberes e práticas na construção de sujeitos sociais*. Porto Alegre: UFRGS Editora. 2006.
- LÉVY, Jacques. *Os novos espaços da mobilidade*. Tradução: Rogério Haesbaert e Sylvain Souchaud. Disponível em [www.uff.br/geographia/rev\\_06/levy6.pdf](http://www.uff.br/geographia/rev_06/levy6.pdf), acessado em 12/10/2007.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos. W. O latifúndio genético e a r-existência indígena-campesina. *Geographia*, Rio de Janeiro, ano IV, n.8, p.39-60, 2002.
- ROSADO, Rosa Maris ; SILVA. Eliane Simões da. *Catadores de "Lixo": Complexidade e Educação Ambiental*. In: Seminário Educação e Gestão Complexa do Ambiente. Canoas, RS: Ulbra, 2006.
- \_\_\_\_\_ e Álvaro Luis Heidrich. Jogo da Reciclagem do lixo em Porto Alegre/RS/Brasil: uma leitura bourdiana. Anais do IV *Simposio Territorio y Sociedad*, Barcelona, setembro/2008 (no prelo).
- SUERTEGARAY, Dirce. Espaço geográfico uno e múltiplo. In: SUERTEGARAY, Dirce; VERDUM, Roberto; BASSO, Luís Alberto(Orgs). *Ambiente e Lugar no Urbano: a Grande Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- TRYSTRAM, Florence. *Terre! Terre! De l'Olimpe à la Nasa, une histoire des géographes et de la géographie*. Paris: J C Lattès, 1994.
- VERDUM, Roberto. Ciclo do Papel da Coleta ao Processamento: Personagens e Estrutura. In: SUERTEGARAY, Dirce; VERDUM, Roberto; BASSO, Luís Alberto(Orgs). *Ambiente e Lugar no Urbano: a Grande Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.